Revista Letras Escreve Macapá, AP v. 16 – n. 3 ISSN 2238-8060
DOSSIÊ TEMÁTICO - Línguas ameaçadas: Documentação, descrição, análise, revitalização e ensino
ARTIGO

O KABIŠIANA DE LÉVI-STRAUSS É UM CODIALETO DO SAKURABIAT (MEKÉNS)[1]

LÉVI-STRAUSS'S KABIŠIANA IS A CO-DIALECT OF SAKURABIAT (MEKÉNS)

Revista dos Cursos de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras – Unifap

FLUXO DA SUBMISSÃO
Submissão do trabalho: 21/05/2025
Aprovação do trabalho: 9/09/2025
Publicação do trabalho: 20/11/2026

Andrey Nikulin
nikulin@ufg.br
Universidade Federal de Goiás / Universidade do Estado de Mato Grosso

COMO CITAR
NIKULIN, Andrey. O KABIŠIANA DE LÉVI-STRAUSS É UM CODIALETO DO SAKURABIAT (MEKÉNS). Revista Letras Escreve, [S. l.], v. 16, n. 3, p. 1–23, 2026. Disponível em: https://periodicos.unifap.br/letrasescreve/article/view/1829.

Resumo

Neste artigo é discutida a classificação da variedade linguística registrada por Claude Lévi-Strauss sob o nome de *Kabišiana*, falada à epoca entre os rios Mequéns e Corumbiara. Em diversos trabalhos de referência sobre a classificação do tronco linguístico Tupi, pode ser encontrada a informação de que o *Kabišiana* (*Kabixiana*, *Kabixiána*, *Kabishiana*) supostamente faz parte da família linguística Arikém, integrada também pelo Karitiana e o extinto Arikém. Neste estudo, argumenta-se que a variedade linguística atestada por Lévi-Strauss sob o nome de *Kabišiana* é, na realidade, um codialeto da língua Sakurabiat (Mekéns), pertencente à família linguística Tupari. São apresentados argumentos formais que corroboram a identificação do *Kabišiana* com o Sakurabiat e são identificadas características fonológicas que impossibilitam a classificação dessa variedade como pertencente à família Arikém. Hipotetiza-se que o equívoco em questão deve ser atribuído a interpretações acríticas de referências bibliográficas já desatualizadas, cuja publicação antecedeu à identificação da família linguística Tupari.

Palavras-chave: Kabišiana; Sakurabiat; línguas Tupari; línguas Arikém; classificação linguística.

Abstract:

This paper addresses the classification of the linguistic variety known as *Kabišiana*, as attested by Claude Lévi-Strauss. Its speakers lived between the rivers Mequéns and Corumbiara. In various reference works on the classification of the Tupian languages, *Kabišiana* (*Kabixiana*, *Kabixiána*, *Kabishiana*) is listed as a member of the Arikém group, which also includes Karitiana and the extinct Arikém. In this study, I argue that the linguistic variety documented by Lévi-Strauss as *Kabišiana* is in fact a co-dialect of Sakurabiat (Mekéns), a language of the Tuparian group. I present formal arguments which confirm my identification of *Kabišiana* as Sakurabiat. In addition, phonological evidence is brought up which shows that *Kabišiana* cannot be classified as an Arikém language. I hypothesize that the incorrect classification of *Kabišiana* as an Arikém language, as found in multiple scholarship pieces, emerged as a result of a misinterpretation of some of the earliest publications on the classification of Tupian, which predate the identification of the Tuparian group.

Mots-clés: Kabišiana; Sakurabiat; Tuparian languages; Arikém languages; linguistic classification.

[1] Este texto beneficiou-se da leitura e comentários de um(a) parecerista anônimo/a, bem como de Rafael Andrade e Hein van der Voort, a quem agradeço, ainda, por ter me facilitado o acesso a alguns trabalhos de difícil acesso. A responsabilidade por eventuais erros ou imprecisões é, no entanto, inteiramente minha.

Revista Letras Escreve Macapá, AP v. 17 – n. 2 ISSN 2238-8060 - **DOSSIÊ TEMÁTICO - ARTIGO**

Introdução

O objetivo deste artigo é esclarecer a classificação da variedade linguística registrada por Claude Lévi-Strauss sob o nome de *Kabišiana* (LÉVI-STRAUSS, s/d). Os registros em questão foram colhidos em Pimenta Bueno (hoje Rondônia), em maio ou junho de 1938, por ocasião da expedição Lévi-Strauss–Vellard à Serra do Norte (cf. VALENTINI, 2010, p. 184), e foram parcialmente publicados por Loukotka (1963, p. 48); além disso, algumas palavras isoladas da mesma lista foram reproduzidas, *in passim*, por Lévi-Strauss (1950).

Nos trabalhos de referência que versam sobre a classificação das línguas sul-americanas, o *Kabišiana* é frequentemente mencionado — ao lado do Karitiana e do já extinto Arikém — como um membro da família linguística Arikém do tronco Tupi, sem que, no entanto, qualquer evidência que possa sustentar tal classificação seja apresentada ou discutida (ver seção **1** para as referências). Uma inspeção do material disponível sobre o *Kabišiana* revela tratar-se de um equívoco, pois praticamente todas as formas registradas por Lévi-Strauss puderam ser identificadas com o material da língua Sakurabiat (Mekéns), pertencente à família Tupari — e não à família Arikém — do tronco Tupi. Os respectivos dados serão apresentados e comentados mais adiante neste artigo. A conclusão principal do estudo é a de que o *Kabišiana* deve ser definitivamente excluído da concepção atualizada da família linguística Arikém (e, de forma mais geral, da lista das línguas sul-americanas na qualidade de uma língua distinta do Sakurabiat).

O restante deste artigo encontra-se estruturado da seguinte forma. A seção **1** traz um histórico das propostas classificatórias das línguas sul-americanas que fazem menção à língua *Kabišiana*. Na seção **2**, são apresentadas algumas informações básicas acerca da constituição do tronco linguístico Tupi, com ênfase nas famílias Arikém (subseção **2.1**) e Tupari (subseção **2.2**). O cerne da discussão encontra-se na seção **3**, em que demonstro que os dados coletados por Lévi-Strauss e atribuídos por ele à língua *Kabišiana* constituem, na realidade, um registro ("doculeto" nos termos de GOOD, CYSOUW, 2013) da língua Sakurabiat (Mekéns), da família linguística Tupari, não apresentando nenhuma inovação característica da família linguística Arikém. A seção **4** conclui o artigo com um alerta contra o uso acrítico de certas propostas classificatórias influentes, principalmente no que tange às línguas extintas escassamente registradas.

1 Histórico da classificação do kabišiana

O trabalho de Rodrigues (1955) é a peça-chave para a compreensão dos motivos pelos quais o *Kabišiana* passou a integrar as classificações de referência das línguas Tupi na qualidade de um membro da família Arikém. Nesse artigo, o autor empreende uma tentativa pioneira de estabelecer, em linhas gerais, o subagrupamento do tronco Tupi, delimitando, pela primeira vez na história dos estudos Tupi, algumas de suas famílias constituintes. Para tanto, Rodrigues aplica um procedimento lexicoestatístico às seguintes línguas Tupi: Tupi Antigo, Guarasugwe/Pauserna, Wiraféd (família

Tupi–Guarani); Sateré-Mawé (família Mawé); Kuruaya, Munduruku (família Munduruku); Yudja/Juruna, Xipaya, Manitsawá (família Juruna); Arikém, Karitiana (família Arikém); Makurap (família Tupari); Mondé (família Mondé); Karo (família Ramarama);[2] Puruborá (família Puruborá); Kepkiriwat (família Kepkiriwat).[3] As afirmações citadas abaixo são cruciais para o meu propósito atual:

> "O *Arikém*, o *Karitiana* e o *Makurap*, comparados entre si, apresentam os seguintes resultados: *Arikém — Karitiana*, *40 cognatos em 70 pares, i. é 57%; *Arikém — Makurap*, 31 cognatos em *100 pares, i. é 31%; *Karitiana — Makurap*, 11 cognatos em *79 pares, i. é 14%. Há, pois, um parentesco de família entre estas três línguas; a baixa porcentagem verificada entre o Karitiana e o Makurap é devida, provàvelmente, à grande deficiência dos materiais disponíveis. Talvez pertença à mesma família destas línguas o *Kabišiana*, de que Lévi-Strauss publicou 12 palavras (1950, pp. 77ss.), das quais 7 têm cognatos em *Arikém* e *Makurap*: Kb *uniaín* Ar *u-ñãya* Mk *u-ñãñ̃e* dente; Kb *opopí* Ar *u-pí* Mk *ubít* mão; Kb *bakeniéṅ* Mk *makuñã* cutia; Kb *perá* Mk *perá* Ar *paru* arara; Kb *amĩṅkuni* Mk *amõkú*, *amegó* Ar *amakú* onça; Kb *paí* Ar *payá* buriti[4]" (RODRIGUES, 1955, p. 1061);
>
> "…uma terceira família é constituída pelo *Arikém*, o *Karitiana*, o *Makurap*, e talvez, também pelo *Kabišiana*; esta família, que podemos chamar *família Arikém*, apresenta relações de tronco com as famílias *Tupí-Guaraní* e *Yuruna*…" (RODRIGUES, 1955, p. 1066).

Em outras palavras, a primeira proposta classificatória de Rodrigues (1955) agrupa em uma família ("Arikém") as línguas Karitiana, Arikém e Makurap, que posteriormente virão a ser classificadas em duas famílias distintas, Arikém (compreendendo o Karitiana e o Arikém) e Tupari (compreendendo o Makurap). Nessa primeira proposta, Rodrigues (1955) analisa 12 palavras dos materiais *Kabišiana* de Lévi-Strauss e conclui que a língua registrada por Lévi-Strauss deve ser classificada como "Arikém" **— na acepção de 1955 —** por apresentar semelhanças com as línguas Arikém e Makurap.

A partir de 1958 — com os avanços na documentação de línguas como o Tupari e o Sakurabiat na década de 1950 — os trabalhos de Rodrigues passam a diferenciar entre as famílias Arikém (tendo por seus membros sólidos o Karitiana e o extinto Arikém) e Tupari (tendo por seus membros sólidos

[2] Rodrigues considera separadamente as variedades *Ntogapïd*, *Ramarama* e *Urumí*, da família Ramarama; Gabas Júnior (2000) demonstra que todos os respectivos materiais são registros de uma única língua, Karo.

[3] As afiliações referentes às famílias linguísticas dizem respeito ao estado atual do conhecimento da classificação das línguas Tupi e não aos resultados de Rodrigues (1955). A língua Kepkiriwat é por vezes classificada como uma língua da família Tupari, porém acredito que é mais correto alocá-la em uma família separada, como já foi proposto por Rodrigues (1955, p. 1067), Loukotka (1968, p. 124) e Nikulin e Carvalho (2022, p. 21, nota 21).

[4] Na realidade, a glosa fornecida para Kabišiana *paí* no trabalho original de Lévi-Strauss (1950) é *Orbignia speciosa* (mais correctamente, *Orbignya speciosa*), que é o nome científico do babaçu (e não do buriti).

as línguas Makurap, Wayoro, Tupari, Sakurabiat/Mekéns e, muito posteriormente, a língua Akuntsu). Dessa forma, em comparação com a proposta de 1955, Rodrigues retira o Makurap da família Arikém, que passa a integrar a recém-descoberta família Tupari. O mesmo destino, contudo, não é compartilhado pelo *Kabišiana*: Rodrigues (1958a, p. 682; 1958b, p. 234; 1964, p. 102) lista o *Kabišiana* como uma língua da família Arikém (dessa vez, em oposição à família Tupari), acompanhando a respectiva entrada de um ponto de interrogação. Os motivos para um tratamento diferenciado do Makurap e do *Kabišiana* não são explicitados em nenhum momento por Rodrigues (1958a,b, 1964),[5] o que é particularmente surpreendente à luz da ausência nos dados *Kabišiana* de qualquer vestígio da inovação mais característica da família Arikém — a mudança vocálica em cadeia (STORTO, BALDI, 1994; ver seção **3**).

Se nos trabalhos mais antigos de Rodrigues (1958a,b, 1964) a inclusão do *Kabišiana* na família Arikém é marcada como duvidosa (sem maiores explicações), em diversos trabalhos mais recentes a afiliação Arikém da suposta língua *Kabišiana* é dada como um fato, sem nenhuma ressalva. Essa afirmação pode ser encontrada em algumas obras de referência sobre as línguas Tupi (FABRE, 2005; RODRIGUES, CABRAL, 2012, p. 497), bem como em trabalhos que versam especificamente sobre a língua ou cultura Karitiana — o único membro sobrevivente da família Arikém (STORTO, BALDI, 1994, p. 1; EVERETT, 1994, p. 107, nota 2; STORTO, ROCHA, 2014, p. 18; ROCHA, 2016, p. 6; OLIVEIRA CASTRO, 2018, p. 14; VIGNADO, 2019, p. 74) — ou sobre outras línguas e culturas da região (HANKE *et al*., 1958, p. 188; MALDI, 1991, p. 215).

O único pesquisador que chegou a uma conclusão próxima daquilo que se propõe neste artigo foi Čestmír Loukotka. Com base em uma cópia do manuscrito de Lévi-Strauss (s/d) obtida diretamente desse autor, Loukotka (1963, p. 48) constata que o *Kabišiana* é extremamente próximo das variedades documentadas por Etta Becker-Donner (1955, sob o nome de *Koaratira*) e Wanda Hanke (cf. HANKE *et* al., 1958) — isto é, da língua Sakurabiat/Mekéns. Em sua classificação de referência das línguas sul-americanas, Loukotka (1968, p. 123) classifica o *Kabišiana* como uma língua do grupo Macuráp (denominação antiga da família Tupari) do tronco Tupi. Embora Loukotka tenha determinado corretamente a posição do *Kabišiana* dentro do tronco Tupi (cf. seção **3**), esse resultado específico de sua pesquisa parece ter caído no esquecimento, visto que os autores posteriores, como foi discutido no parágrafo anterior, unanimemente aceitam a proposta de Rodrigues (1958a,b). No decorrer deste trabalho, apresentarei evidências de cunho lexical e fonológico que corroboram o resultado de Loukotka (1963, 1968), divergindo apenas no que diz respeito ao estatuto do *Kabišiana* enquanto língua: neste estudo, considero que quatro das variedades ("doculetos") mencionadas por Loukotka (1968) — *Kanu:a/Koaratíra/Canoê*, *Amniapé*, *Guaratégaja/Mequen* e *Kabishiana* — representam uma única língua, conhecida na literatura contemporânea como Sakurabiat ou Mekéns.

[5] É possível especular que a confusão possa ter sido causada pela identidade entre os rótulos relativos a agrupamentos de abrangências diferentes: Rodrigues (1955) utiliza o rótulo *Arikém* para se referir ao conjunto de línguas que inclui línguas que hoje são classificadas como Arikém e Tupari, já Rodrigues (1958a,b) utiliza o mesmo rótulo para um agrupamento menos abrangente.

Finalmente, menciono um problema relacionado apenas tangencialmente à questão da classificação do *Kabišiana*. Glottolog 4.3 (HAMMARSTRÖM *et al.*, 2020) não listava o *Kabišiana* como uma língua à parte, mas equivocadamente associava essa denominação com a língua isolada Kanoê na entrada referente ao trabalho supracitado de Loukotka (1963). A confusão parece ter sido causada por um erro no documento original (i. e., LOUKOTKA, 1963, p. 48), em que os rótulos *Kanúa* e *Kanoê* foram invertidos. Mais especificamente, o trecho que diz:

> "[l]es deux autres tribus aux noms semblables sont les Kanúa et les Kanoê. La langue de la première est proche parente du Kapišana, dont Mme Becker-Donner […] a publié un grand vocabulaire. […] La langue Kanoê est au contraire parente du Kabišiana, d'après le manuscrit de Mme Hanke […] ou de la langue Koaratira, d'après Mme Becker-Donner"

deveria dizer:

> "[l]es deux autres tribus aux noms semblables sont les **Kanoê** et les **Kanúa**. La langue de la première est proche parente du Kapišana, dont Mme Becker-Donner […] a publié un grand vocabulaire. […] La langue **Kanúa** est au contraire parente du Kabišiana, d'après le manuscrit de Mme Hanke […] ou de la langue Koaratira, d'après Mme Becker-Donner",

como pode ser depreendido a partir dos dados linguísticos reproduzidos na mesma página. Dessa forma, um equívoco cometido por Loukotka (1963) havia resultado em um erro de identificação de línguas em versões anteriores de Glottolog, que, contudo, foi corrigido nas versões mais recentes do catálogo.[6]

2 As famílias do tronco Tupi

De acordo com a classificação usualmente aceita, as línguas do tronco Tupi são organizadas em dez famílias, algumas das quais formam agrupamentos com outras; são elas: **Mondé** (três línguas, incluindo um complexo dialetal), **Puruborá** (uma língua), **Ramarama/Karo** (uma língua), **Arikém** (incluindo o Karitiana e o extinto Arikém), **Tupari** (cinco línguas), **Juruna** (três línguas), **Munduruku** (duas línguas), **(Sateré-)Mawé** (uma língua), **Aweti** (uma língua) e **Tupi–Guarani** (dezenas de línguas). A estas famílias soma-se o extinto **Kepkiriwat**, que parece formar uma família independente (ver nota 3 e LOUKOTKA, 1968, p. 124). Os agrupamentos suprafamiliares mais amplamente aceitos (cf. GALUCIO *et al.*, 2015; NIKULIN, CARVALHO, 2019, p. 267–9) são o Ramarama–Puruborá (incluindo as línguas Karo e Puruborá), o Aweti–Guarani (incluindo o Aweti e a família Tupi–Guarani) e o Maweti–Guarani ou Mawé–Guarani (incluindo a língua Sateré-Mawé

[6] Disponível em: <https://glottolog.org/resource/reference/id/161469>, acesso em 15/04/2025.

e o agrupamento Aweti–Guarani). Para os fins deste artigo, basta apresentar duas das famílias constituintes do tronco Tupi em maior detalhe: Arikém (**2.1**) e Tupari (**2.2**).

2.1 Arikém

A família Arikém inclui apenas duas línguas (às quais em algumas classificações, como foi visto acima, é acrescentado o *Kabišiana*), o Karitiana e o já extinto Arikém, faladas na bacia do rio Madeira (mais especificamente, entre os rios Jaci-Paraná e Jamari, seus afluentes direitos), no norte do atual estado de Rondônia. A inovação mais característica dessa família é a chamada *mudança vocálica em cadeia* (STORTO, BALDI, 1994), que afetou as antigas vogais **a*, **o*, **ɨ*, **e*,[7] transformando-as em Karitiana *o*, *ɨ*, *e*, *a*; Arikém *ɒ*, *ʉ*, *e*, *æ*, respectivamente.[8] Como os reflexos dessas vogais na língua Arikém parecem ser ligeiramente mais próximos do estado original em comparação com os do Karitiana, reconstruo **ɒ*, **ʉ*, **e*, **æ* para o Proto-Arikém. Mais uma inovação característica da família Arikém é a fortição da consoante que reconstruo como Proto-Tupi **j* (preservada em Proto-Tupari) em ambientes orais, que passa a **ts*.[9] Por exemplo, as palavras **jacjo* 'tatu',[10] **jaP* 'cabelo, pelo, pena',

[7] As vogais precedidas por um asterisco representam um estágio que poderíamos chamar de pré-Proto-Arikém, que pode ter sofrido diversas inovações em relação ao Proto-Tupi. Em geral, as vogais do pré-Proto-Arikém correspondem biunivocamente a vogais idênticas do Proto-Tupari, não havendo, entretanto, biunivocidade nas correspondências vocálicas com outras famílias do tronco Tupi. Mais especificamente, cada uma das vogais **e* e **i* do pré-Proto-Arikém/Proto-Tupari participa de dois jogos de correspondências inteiramente diferentes com outras línguas Tupi: **e* pode corresponder a Proto-Munduruku/Proto-Mawé-Guarani **e* ou a Proto-Munduruku **ɨ*, Proto-Mawé-Guarani **o*; **i* pode corresponder a Proto-Mawé-Guarani **i* ou **ɨ*. Isto poderia indicar que a história fonológica das famílias Arikém e Tupari incluiu inovações compartilhadas, ou seja, essas duas famílias poderiam ser agrupadas em um nível suprafamiliar (NIKULIN, CARVALHO, 2022, p. 20–21).

[8] A realização aproximada das vogais do Arikém foi provisoriamente inferida com base na escolha dos grafemas empregados por Nimuendajú (1932, $_{N}$) e Barbosa de Faria (RONDON, FARIA, 1948; $_{BF}$). Mais especificamente, a vogal *ɒ* é comumente grafada como ‹a̰›/‹a›/‹o›$_{N}$, ‹o›/‹a›$_{BF}$; a vogal *ʉ* como ‹ṵ›/‹ṵ›/‹u›$_{N}$, ‹u›/‹i›$_{BF}$; a vogal *æ* como ‹a›$_{N}$, ‹a›/‹e›$_{BF}$; a vogal *e* como ‹e›/‹ë›$_{N}$, ‹e›$_{BF}$ (foram omitidos os diacríticos que denotam a posição do acento ou a duração vocálica).

[9] Um(a) parecerista anônimo/a questiona a validez do uso de hipóteses reconstrutivas inéditas referentes à fonologia do Proto-Tupi, visto que neste estudo adoto uma reconstrução dos segmentos consonantais que difere consideravelmente daquela de Rodrigues e Cabral (2012). No caso específico da consoante que reconstruo como **j*, Rodrigues e Cabral (2012, p. 506–7) reconstroem **tʲ*, uma decisão que avalio como implausível à luz dos reflexos desse segmento na maioria das famílias Tupi: em Karo, Puruborá e Proto-Tupari (na reconstrução de NIKULIN, ANDRADE, 2020), encontra-se uma aproximante palatal *(*)j*; em Suruí-Paiter e Proto-Munduruku (na reconstrução de PICANÇO, 2019), também ocorrem aproximantes (ou fricativas vozeadas), embora articuladas em uma região mais anterior (Suruí-Paiter [l] ~ [ð], Proto-Munduruku **ð*); finalmente, o reflexo em Proto-Maweti-Guarani é **tʲ* (MEIRA, DRUDE, 2015), que pode ser facilmente derivado de **j* por meio de um processo de fortição. Em contraste, nenhuma língua Tupi apresenta um segmento glotalizado como um reflexo de **tˀ* de Rodrigues e Cabral (2012). De qualquer maneira, a escolha de uma ou outra proposta reconstrutiva não prejudica a identificação do reflexo **ts* em Proto-Arikém como inovador. Uma discussão mais detalhada dos problemas na reconstrução do Proto-Tupi foge ao escopo deste artigo.

[10] Neste artigo, emprego os caracteres ($_{P}$, $_{T}$, $_{C}$, $_{K}$, em versalete) para representar codas especificadas apenas para o ponto (mas não para o modo) de articulação (labial, dental, palatal e velar, respectivamente).

Revista Letras Escreve Macapá, AP v. 17 – n. 2 ISSN 2238-8060 - **DOSSIÊ TEMÁTICO - ARTIGO**

jaVte* ‘queixada’ do Proto-Tupi são refletidas nas línguas Arikém como **tsɒtsʉ*, **tsɒp*, **tsɒitæ* (> Karitiana *sosɨ*, *sop*, *sojtʃa*; Arikém ‹ts**o-sy**u**́›$_{N}$, ‹-**s**áwa›$_{N}$/‹-**s**ábă›$_{N}$/‹-**s**ą́bą̆›$_{N}$/‹**ç**óuo›$_{BF}$/‹-**x**aú›$_{BF}$, ‹**ts**o-istá›$_{N}$; REIS, 2018). Por último, apresentamos a inovação que atingiu Proto-Tupi **ɯ* nessa família: esse fonema é refletido como *h* nas línguas Arikém (cf. RODRIGUES, CABRAL, 2012, p. 508). Por exemplo, as palavras **ɯɯ* ‘espinho’ e **aɯa* ‘cará’ do Proto-Tupi evoluíram para **hʉ*, **ɒhɒ* em Proto-Arikém (> Karitiana *hɨ*, *pok-oho*; Arikém ‹**h**ṵ̄›$_{N}$, ‹ą̊**h**á›$_{N}$).

Atualmente não existe uma proposta publicada referente à reconstrução fonológica do Proto-Arikém, embora Storto e Baldi (1994) e Reis (2018) tenham feito algumas observações acerca das correspondências sonoras entre as línguas; as formas reconstruídas do Proto-Arikém citadas neste trabalho são, portanto, de minha autoria. As correspondências entre as consoantes do Karitiana e do Arikém são, via de regra, triviais; considero que os respectivos segmentos do Proto-Arikém não sofreram nenhuma mudança nas línguas-filhas (por ejemplo, reconstruo **h* para a correspondência entre Karitiana *h* e Arikém *h*). Dentre as correspondências não triviais, destaca-se aquela entre Karitiana *s*e Arikém *s* ~ *ts* ~ *ʃ* (pronúncia inferida a partir das grafias ‹s›$_{N/BF}$, ‹ts›$_{N}$, ‹ç›$_{BF}$, ‹x›$_{BF}$). Segundo Storto (1999, p. 20), na fala dos falantes mais velhos do Karitiana [s] ocorre em variação livre com [ts] (os falantes mais novos produzem apenas [s]). Em razão disso, reconstruo Proto-Arikém **ts* e sugiro que a oclusão foi perdida independentemente em ambas as línguas-filhas, sendo que o estágio mais conservador ([ts]) é opcionalmente preservado em Arikém e na fala dos Karitiana mais velhos. Outras inovações incluem a palatalização de **t* > *tʃ* em Karitiana em alguns ambientes (STORTO, 1999, p. 40) e a lenição das consoantes em coda em Arikém (STORTO, BALDI, 1994) diante de sufixos iniciados por vogal (incluindo *-ɒ*, um sufixo que ocorre em muitos nomes da língua. Represento as codas reconstruídas em versalete (ver nota 10). Como já foi mencionado no parágrafo anterior, considero que a língua Arikém preserva mais fielmente as vogais do Proto-Arikém; portanto, reconstruo */i e æ ɒ ʉ/ > Karitiana *i*, *e*, *a*, *o*, *ɨ*; Arikém *i*, *e*, *æ*, *ɒ*, *ʉ*.

2.2 Tupari

A família Tupari inclui cinco línguas, todas tradicionalmente faladas no sul de Rondônia, entre o médio fluxo do Guaporé e a cabeceira do Machado/Ji-Paraná: Makurap, Wayoro, Tupari, Sakurabiat (Mekéns) e Akuntsu. Uma das inovações mais marcantes que caracterizam essa família é a debucalização total de uma consoante do Proto-Tupi usualmente reconstruída como **kʲ*, que é refletida nas demais famílias (incluindo a família Arikém) como *(*)k* (apenas em Proto-Munduruku, observam-se os reflexos **k*, **ʃ* e **kʲ*; PICANÇO, 2019, p. 69–72; RODRIGUES, CABRAL, 2012, p. 505). As famílias Tupari e Kepkiriwat são as únicas que apresentam, nesse caso, o reflexo **ʔ*, como em Proto-Tupari **ʔõ* ‘língua’, **ʔaᴘ* ‘gordura’, **ʔeᴛ* ‘dormir’, **ʔɨᴛ* ‘verde, não maduro’ (compare Karitiana *kaᴛ* ‘dormir’ e *keᴛ* ‘azul’, cognatos das últimas duas palavras). Há, ainda, uma correspondência inversa: em diversas palavras, a oclusiva velar **k* do Proto-Tupari corresponde a *(*)ʔ* ou a zero em todas as demais famílias (com a exceção do Kepkiriwat, que apresenta *k*). Para o Proto-Tupi,

tradicionalmente se reconstrói uma oclusiva glotalizada **kˀ* (RODRIGUES, CABRAL, 2012, p. 506); alternativamente, o segmento em questão é representado por meio de um símbolo *ad hoc*, **ķ* (NIKULIN, CARVALHO, 2022, p. 12, 38) ou **ƙ*. Qualquer que seja a interpretação diacrônica correta desse jogo de correspondências, o fato é que a consoante em questão é fundida com os reflexos de **k* nas famílias Tupari e Kepkiriwat, mas com os reflexos de **ʔ* nas demais famílias (incluindo a família Arikém), como em Proto-Tupari **kiᵽ* 'árvore, pau', **ko* 'ingerir' (compare Karitiana *ʔep*, *ʔi*).

À diferença da família Arikém, a família Tupari foi objeto de diversos estudos que se centraram na reconstrução fonológica de sua protolíngua, incluindo uma proposta pioneira de Moore e Galucio (1994), a qual foi posteriormente complementada por Galucio e Nogueira (2012); ver também Galucio e Nogueira (2018) e Nogueira *et al.* (2019) para a reconstrução de elementos da morfossintaxe clausal e do léxico do Proto-Tupari. Neste artigo, entretanto, adoto uma reconstrução alternativa (NIKULIN, ANDRADE, 2020), que difere das propostas anteriores no que tange à interpretação diacrônica de alguns jogos de correspondência que envolvem consoantes na posição de ataque silábico (as correspondências vocálicas, bem como aquelas entre consoantes em coda, são triviais). O Quadro 1 sintetiza a proposta de Nikulin e Andrade (2020) referente à reconstrução dos ataques silábicos do Proto-Tupari (PTpr). No âmbito deste artigo, é impossível apresentar justificativas detalhadas para cada uma das divergências entre a proposta adotada e aquelas de Moore e Galucio (1994) e Galucio e Nogueira (2012); as diferenças cruciais concernem a reconstrução da série de aproximantes (*/β j w/; *[ɲ] na proposta atual é considerado um alofone de */j/ restrito aos ambientes nasais) e das oclusivas coronais */t/ e */c/.

Revista Letras Escreve Macapá, AP v. 17 – n. 2 ISSN 2238-8060 - **DOSSIÊ TEMÁTICO - ARTIGO**

Quadro 1. Os ataques do Proto-Tupari e seus reflexos nas línguas contemporâneas

PTpr	Makurap	**PTpr Nuclear**	Sakurabiat	Akuntsu	Tupari	Wayoro
***p**	p	***p** ***m**^{B}	p m^{B}	p m^{B}	p; s-/-Ps-^{C} m^{B}	p m^{B}
***[mb]**^{A} ***m**^{B}	[mb]^{A} m^{B}	***b** ***m**^{B}				[mb]^{A}-/-β- m^{B}
***β**	p	***β**	b	b	p; s-/-Ps-^{C}	[mb]-^{A}/-β-
***t**	t	***t** ***n**^{B}	ts n^{B}	tʃ n^{B}	t; s^{D} n^{B}	t n^{B}
***[nd]**^{A} ***n**^{B}	[nd]^{A} n^{B}	***d** ***n**^{B}				[nd]^{A} n^{B}
***j** ***[ɲ]**^{B}	c ɲ^{B}	***ð** ***ɲ**^{B}	t ɲ^{B}	t ɲ^{B}	h-/-Ø- ɲ^{B}, Ø^{BE}	[nd]^{A} ɲ^{B}
***c**	t	***c**	t	t	Ø	tʃ
***k**	k	***k**	k	k	k	k
***ŋg**	ŋg	***g**				[ŋg]^{A}, ŋ^{B}
***w**	β m^{B}	***w**, ***ɯ**^{F}	k^{w}, k^{F} ŋ^{wBG}, ŋ^{BFG}	k^{w}, k^{F}	w, Ø^{F}	[ŋg^{w}], [ŋg]^{F} ŋ^{wB}, ŋ^{BF}
***ɾ**	ɾ	***ɾ**	ɾ, n^{BH}	ɾ, n^{BH}	ɾ	ɾ
***ʔ**	ʔ ~ Ø	***ʔ**	ʔ ~ Ø	ʔ ~ Ø	ʔ	ʔ ~ Ø

^{A} = alofone pós-oralizado de uma nasal subjacente (ocorre diante de núcleos orais); ^{B} = diante de núcleos nasais; ^{C} = diante de *i*; ^{D} = diante de *i* ou *ɯ*; ^{E} = diante de *ĩ*; ^{F} = diante de uma vogal arredondada; ^{G} = apenas no dialeto dos grupos Sakurabiat e Guarategayat; ^{H} = entre vogais anteriores

Fonte: elaboração própria.

Dentro da família Tupari, o Makurap é a língua mais divergente; as demais quatro línguas integram um ramo ("Tupari Nuclear") caracterizado por um conjunto de inovações fonológicas, morfológicas e lexicais (GALUCIO, NOGUEIRA, 2012, GALUCIO *et al.*, 2015, p. 238). Dentro do ramo Tupari Nuclear, é possível identificar um sub-ramo controverso, constituído pelas línguas Wayoro e Tupari (NIKULIN, ANDRADE, 2020, p. 289; cf. GALUCIO *et al.*, 2015), bem como um sub-ramo universalmente reconhecido (que chamarei neste artigo de *sub-ramo Corumbiara*), constituído pelas línguas Sakurabiat e Akuntsu (GABAS JR., 2005; GALUCIO, NOGUEIRA, 2012; GALUCIO *et al.*, 2015, p. 237–8; NIKULIN, ANDRADE, 2020, p. 288–9). Finalmente, a língua Sakurabiat possui três variedades dialetais: uma é falada pelos grupos Sakurabiat e Guarategayat, outra é falada pelos Guaratira e a terceira era historicamente falada pelos Siokweriat. O primeiro desses três dialetos se opõe aos demais no que diz respeito ao tratamento das oclusivas vozeadas (**b*, **g*, **g^{w}*) do Proto-

Corumbiara em ambientes nasais: no dialeto dos Sakurabiat/Guarategayat, essas oclusivas se nasalizaram a *m*, *ŋ*, *ŋʷ*, ao passo que nos demais dialetos as mesmas consoantes perderam o vozeamento e se mantiveram orais (*p*, *k*, *kʷ*), resultando em correspondências como Sakurabiat/Guarategayat *mãkɨ̃ŋã* ~ Guaratira/Siokweriat *pakɨ̃ŋã* 'cutia'. Outra correspondência fonológica recorrente é aquela entre Sakurabiat/Guarategayat *itsV* e Guaratira/Siokweriat *iV* (GALUCIO, 2001, p. 19; NIKULIN, ANDRADE, 2020, p. 307, 309).

3 KABIŠIANA E SAKURABIAT

Nesta seção, exponho todos os dados disponíveis dos materiais *Kabišiana* de Lévi-Strauss, comparando-os com os dados da língua Sakurabiat (Mekéns), da família Tupari, a fim de demonstrar a identidade entre o *Kabišiana* e o Sakurabiat. Em seguida, listo as inovações características do Sakurabiat que podem ser evidenciadas nos dados *Kabišiana* e demonstro formalmente (por meio da identificação de inovações compartilhadas) que a variedade atestada por Lévi-Strauss é mais próxima dessa língua específica do que de qualquer outra variedade da família Tupari. Concluo a seção com uma apresentação das inovações características da família Arikém, nenhuma das quais possui relação alguma com o observado nos materiais *Kabišiana*.

Os dados atribuídos por Lévi-Strauss à língua *Kabišiana* são reproduzidos no Quadro 2 abaixo entre chevrons (utilizados também para a citação de outras formas atestadas apenas em fontes pré-modernas), com as letras subscritas $_{L}$ e $_{LS}$ indicando que o respectivo dado é citado *apud* Loukotka (1963) ou Lévi-Strauss (1950), respectivamente. As glosas na segunda coluna também foram extraídas destas duas fontes (e traduzidas para o português).

Os dados da língua Sakurabiat foram extraídos preferencialmente de Galucio *et al.* (2024); em caso de ausência de uma determinada forma nesses trabalhos, foram consultadas fontes secundárias, devidamente citadas nas respectivas notas de rodapé. Todos os dados são transcritos fonologicamente de modo a garantir uma representação uniforme do material. Em particular, alterei a notação usada para as codas do Sakurabiat: os caracteres em versalete (ᴘ, ᴛ, ᴄ, ᴋ) denotam codas especificadas apenas para o ponto — mas não para o modo — de articulação (labial, dental, palatal e velar, respectivamente).[11] Outra modificação é que a nasalidade será representada explicitamente em todas as sílabas nasais (mesmo aquelas em que a nasalidade pode ser atribuída ao *onset* nasal). As abreviações "Sak", "Gua" e "Sio" dizem respeito aos dialetos falados por subgrupos específicos de fala Sakurabiat (Sak = Sakurabiat/Guarategayat, Gua = Guaratira, Sio = Siokweriat;

[11] A ausência do contraste de modo de articulação na posição de coda em Sakurabiat e nas demais línguas Tupari foi identificada por Galucio (1994, p. 989–92) e Moore e Galucio (1994, p. 123), que representam as respectivas codas como *p*, *t*, *y* e *k*. A relação entre a realização fonética e a nasalidade dos núcleos na língua Tupari, estreitamente relacionada ao Sakurabiat, é estudada em detalhe por Singerman (2016). A utilização dos caracteres em versalete busca representar o fato de se tratar de arquifonemas (ou seja, o contraste entre as oclusivas e as nasais, presente na posição de ataque, é neutralizado nesse ambiente; ver DRUDE, 2009 para um fenômeno similar na língua Aweti, também do tronco Tupi).

Revista Letras Escreve Macapá, AP v. 17 – n. 2 ISSN 2238-8060 - **DOSSIÊ TEMÁTICO - ARTIGO**

cf. GALUCIO, 2001).

As reconstruções referentes ao Proto-Tupari foram extraídas do trabalho de Nikulin e Andrade (2020).[12] Em caso de formas não atestadas nesse trabalho, empreendo reconstruções baseadas nas formas das línguas Tupari modernas, tais como Akuntsu (ARAGON, 2014), Tupari (ALVES, 2004) e Wayoro (NOGUEIRA *et al*., 2021), seguindo a proposta de reconstrução fonológica de Nikulin e Carvalho (2020); para essas línguas, utilizo as mesmas convenções notacionais descritas acima para o Sakurabiat (codas em versalete, nasalidade marcada nas vogais).

Observe-se que muitas formas dos materiais *Kabišiana* são citados com o prefixo da primeira pessoa do singular *o-*, geralmente grafado como ‹u› (em Sakurabiat não há contraste entre /o/ e /u/) ou ‹v›, diante de vogais. Em um caso (Kabišiana ‹sakú›$_{LS}$ ‘osso’) a forma citada aparentemente contém um prefixo de terceira pessoa, cujo alomorfe prevocálico é *ts-* em Sakurabiat. Nesses casos, procuramos reproduzir as formas flexionadas do Sakurabiat (isto é, de primeira pessoa do singular ou de terceira pessoa) para facilitar a comparação.

Quadro 2. Dados *Kabišiana* comparados com as formas do Sakurabiat

Kabišiana	glosa	Sakurabiat	etimologia Tupari
‹kuní^{am}táp›$_{L}$	barba	*kõɲãP táP*[13]	? + **jaP* ‘cabelo’ (compare Akuntsu *akõɲã* ‘barba’)
‹vú^{en}›$_{L}$	boca	1SG *o-ɨ̃ɲẽ́*	Proto-Tupari Nuclear **ɨ̃ɲẽ*[14]
‹un^{ea}›$_{L}$	braço	1SG *o-nẽ́* ‘ombro’[15]	**nẽ* ‘braço’
‹nier^{h}én›$_{L}$	carne	*ɲẽrã́*	**ɲẽTʔã*
‹uamintąp›$_{L}$	cabelo	1SG *o-anɨ̃́P táP*	**atɨ̃P* ‘cabeça’ + **jaP* ‘cabelo’
‹utáp›$_{L}$	cílio	1SG *o-táP* ‘pelo’	**jaP* ‘cabelo’

[12] Um(a) parecerista anônimo/a observa, corretamente, que a escolha de uma ou outra proposta de reconstrução fonológica impacta diretamente a identificação das inovações compartilhadas. Apesar de não termos comparado as inovações características do Sakurabiat exigidas por **outras** propostas reconstrutivas (MOORE, GALUCIO, 1994; GALUCIO, NOGUEIRA, 2012) com os dados do *Kabišiana*, o resultado da aplicação desse procedimento provavelmente seria o mesmo em razão da extrema semelhança entre os dados do Sakurabiat e do *Kabišiana*. A justificativa das diferenças entre a proposta de Nikulin e Carvalho (2020) e as demais propostas citadas foge ao escopo deste trabalho.

[13] A forma é atestada por Snethlage (2015, p. 518) como ‹kikunjam tap› ‘barba’ (possivelmente *ki-kõɲãP táP*, com o prefixo *ki-* de primeira pessoa inclusiva).

[14] Forma não encontrada no trabalho de Nikulin e Andrade (2020). Reconstruo-a com base em Sakurabiat *ɨ̃ɲẽ́*, Akuntsu *ɲẽ́* (ARAGON, 2008, p. 35), Wayoro *ɲẽ-pi* (NOGUEIRA *et al*., 2021, p. 97) e Tupari *oɲẽ́* (ALVES, 2004, p. 223).

[15] A forma é atestada por Snethlage (2015, p. 518) como ‹kiná, kinã́› ‘ombro’ (possivelmente *ki-nẽ*, com o prefixo *ki-* da primeira pessoa inclusiva).

Revista Letras Escreve Macapá, AP v. 17 – n. 2 ISSN 2238-8060 - **DOSSIÊ TEMÁTICO - ARTIGO**

‹vąnu'^{en}›$_{L}$	coração	1SG *o-ãnṍã*	Proto-Tupari Nuclear **ãnõʔã*[16]
‹kutkíp›$_{L/LS}$	pescoço	*koTkɨP*	**woT-kɨP*
‹upę́›$_{L}$	coxa	1SG *o-opé*	Proto-Tupari Nuclear **ope* ~ **obe*[17]
‹un'^{in}›$_{L}$, ‹uniąín›$_{LS}$	dente	1SG *o-ɲã́C*	**ɲãC*
‹íki›$_{L}$, ‹ikí›$_{LS}$	água	*ɨkɨ́*	**i-ŋgɨ*
‹uaninžú›$_{L}$	ombro	1sg *o-anẽtsó*	Proto-Tupari Nuclear **anẽto*[18]
‹utą́›$_{L}$	fogo	*otáT*	**ojaT*
‹vẹžęgąbą́›$_{L}$	joelho	1SG *o-etségaP*	não reconstruível
‹pǫ^{in}›$_{L}$	tripa	*põC*	não reconstruível
‹ukibẹ-í›$_{L}$	perna	1SG *o-kɨ́P*	Proto-Tupari Nuclear **kɨP*[19]
‹uṹ›$_{L}$	língua	1SG *o-'ṍ*	**ʔõ*
‹opǫ́›$_{L}$, ‹opopí›$_{LS}$	mão	1SG *o-pó* 'mão' 1SG *o-po-pí* 'palma da mão'	**mbo*
‹sakú›$_{LS}$	osso	3 *ts-a:kó*	**a(:)wo*
‹upiwú›$_{LS}$	pé	Sak *pitsó*, Gua/Sio *pió*	Proto-Tupari Nuclear **bi-to* (derivado de **bi* < PTpr **mbi*)
‹paí›$_{LS}$	babaçu	*pa:C* 'buriti'	**pa:C* 'buriti'[20]
‹bakeniẽŋ›$_{LS}$	cutia	Sak *mãkɨ̃ɲã*, Gua/Sio *pakɨ̃ɲã*	**wãkɨ̃ɲã*

[16] Forma não encontrada no trabalho de Nikulin e Andrade (2020). Reconstruo-a com base em Sakurabiat *ãnṍã*, Akuntsu *ãnṍã* (ARAGON, 2008, p. 35), Wayoro *ãnõã* (NOGUEIRA *et al*., 2021, p. 96) e Tupari *ánõʔã* (ALVES, 2004, p. 145).

[17] Forma não encontrada no trabalho de Nikulin e Andrade (2020). Reconstruo-a com base em Sakurabiat *opé* e Tupari *opé* (ALVES, 2004, p. 225).

[18] Forma não encontrada no trabalho de Nikulin e Andrade (2020). Reconstruo-a com base em Sakurabiat *anẽtsó* e e Tupari *anẽtó* (ALVES, 2004, p. 145).

[19] Forma não encontrada no trabalho de Nikulin e Andrade (2020). Reconstruo-a com base em Sakurabiat *kɨP*, Akuntsu *kɨP* (ARAGON, 2008, p. 71) e Tupari *kɯP* (ALVES, 2004, p. 205). Tecnicamente, seria possível reconstruir Proto-Tupari Nuclear **gɨP*, porém é provável que se trate de uma extensão semântica de Proto-Tupari **kɨP* 'árvore, pau'.

[20] Forma não encontrada no trabalho de Nikulin e Andrade (2020). Reconstruo-a com base em Sakurabiat *pá:C* 'buriti' e Akuntsu *baC* 'fibra de buriti' (ARAGON, 2014, p. 61), com cognatos na família Arikém (**pɒjɒ* 'buriti' > Arikém ‹pąy-ą̊›$_{N}$, Karitiana *pojo*), em Karo (*paja* 'palmeira *sp.*'; GABAS JÚNIOR, 1999, p. 183) e possivelmente em Puruborá (‹yubayá'› 'buriti'; KOCH-GRÜNBERG, 1932, p. 44).

Revista Letras Escreve Macapá, AP v. 17 – n. 2 ISSN 2238-8060 - **DOSSIÊ TEMÁTICO - ARTIGO**

‹perá›$_{LS}$	arara	*perá*	**peTʔa* ‘arara-vermelha’[21]
‹amĩŋkuní›$_{LS}$	onça	*amẽkó*	**amẽko*
‹kwipi›$_{LS}$	peixe	*kɨCpíT*	Proto-Corumbiara **kɨCpiT*, sem etimologia Tupari
‹ém›$_{LS}$[22]	rede	*ẽnĩ́*	**ẽrĩ*[23]
‹upwạ-ít›$_{L}$	antebraço	1SG + *po* ‘mão’ +?	
‹úpętǫ›$_{L}$	nádega	1SG *o-petóp*	

Fonte: elaboração própria.

Uma simples inspeção dos dados *Kabišiana* na Tabela 2 permite concluir que se trata de uma variedade, no mínimo, muito próxima do Sakurabiat; a seguir, demonstro que o *Kabišiana* e o Sakurabiat não são apenas próximos entre si e sim **idênticos**.

Primeiramente, comento acerca de algumas palavras que até o presente foram atestadas somente em Sakurabiat, mas não nas demais línguas Tupari. Trata-se do composto *põ-pi* ‘palma da mão’ e das palavras *etsegaP* ‘joelho’ e *põc* ‘tripa’. Caso seus cognatos existam em outras línguas Tupari, eles não foram atestados nas fontes por mim consultadas; em geral, as línguas Tupari apresentam reflexos de PTpr **mbo* ‘mão’ e **-pĩã* ‘joelho’ para os primeiros dois significados. Além disso, duas ou três palavras presentes nos materiais *Kabišiana* possuem cognatos em Akuntsu, uma língua estreitamente relacionada ao Sakurabiat, mas não nas demais línguas da família Tupari: compare *Kabišiana* ‹kuní^{am}táp›$_{L}$ ‘barba’, ‹kwipi›$_{LS}$ ‘peixe’, ‹paí›$_{LS}$ ‘babaçu’ com Akuntsu *akṍñã* ‘barba’, *kɨcpít* ‘peixe’ e *bac* ‘fibra de buriti’ (ARAGON, 2014, p. 61, 64, 71).

A maioria dos vocábulos *Kabišiana*, no entanto, apresenta cognatos em todas ou quase todas as línguas da família Tupari. Para determinar se a variedade registrada por Lévi-Strauss (s/d) é apenas aparentada com o Sakurabiat ou se é idêntica ao mesmo, torna-se imprescindível verificar se ela foi submetida às mesmas inovações fonológicas que fazem parte da história do Sakurabiat. Um escrutínio dos dados revela que o *Kabišiana*, de fato, participou de todas as inovaçõs que caracterizam o Sakurabiat, a saber:

(i) a nasalização das oclusivas surdas **p/*t* em ambientes nasais, dando origem a **m/*n* em Proto-Tupari Nuclear (sons preservados nas línguas Tupari Nucleares modernas), como em PTpr **o+atĩP+jaP* > ‹uamintąp›$_{L}$ ‘meu cabelo’ ≈ Sakurabiat *o-anĩ́P táP*;

[21] Forma não encontrada no trabalho de Nikulin e Andrade (2020). Reconstruo-a com base em Sakurabiat *perá*, Akuntsu *perá* (ARAGON, 2008, p. 52), Wayoro *pera* (NOGUEIRA *et al.*, 2021, p. 93), Tupari *pérʔa* (ALVES, 2004, p. 237) e Makurap *pera* (BRAGA, 2005, p. 198).

[22] É provável que haja ocorrido um erro de cópia, com a forma ‹éni› equivocadamente datilografada como ‹ém›.

[23] Forma não encontrada no trabalho de Nikulin e Andrade (2020). Reconstruo-a com base em Sakurabiat *ẽnĩ*, Akuntsu *ẽnĩ́* (ARAGON, 2008, p. 35), Wayoro *ĩrĩ* (NOGUEIRA *et al.*, 2021, p. 99) e Makurap *ẽrĩ* (BRAGA, 2005, p. 50).

(ii) a perda da fase nasal e o ensurdecimento de PTpr **mb*, **nd*, **ŋg* (alofones pós-oralizados de nasais subjacentes na protolíngua), que passam a **b*, **d*, **g* em Proto-Tupari Nuclear e a **p*, **ts*, **k* em Proto-Corumbiara, como em PTpr **o+mbo(+pi)* > ‹opó›$_{L}$, ‹opopí›$_{LS}$ ‘minha mão’ ≈ Sakurabiat *o-pó*, *o-po-pí*; PTpr **i+ŋgɨ* > ‹íki›$_{L}$, ‹ikí›$_{LS}$ ‘água’ ≈ Sakurabiat *ɨkí*;

(iii) a dentalização de PTpr **j*, que se transforma em **ð* em Proto-Tupari Nuclear, passando a **d* e subsequentemente ensurdecendo-se a **t* em Proto-Corumbiara, como em PTpr **jaʀ* > ‹-tąp›$_{L}$, ‹-táp›$_{L}$ ‘cabelo, pelo’ (cf. ‘barba’, ‘cílio’) ≈ Sakurabiat *taʀ*; PTpr **ojaʇ* > ‹utą́›$_{L}$ ‘fogo’ ≈ Sakurabiat *otár*;

(iv) a perda da articulação labial nos reflexos de PTpr **w* precedendo vogais arredondadas, que passa a **ɯ* em Proto-Tupari Nuclear e a **k* em Proto-Corumbiara, como em PTpr **wot-kɨp* > ‹kutkíp›$_{L/LS}$ ‘pescoço’ ≈ Sakurabiat *koɾkíʀ*; PTpr **i+a(:)wo* > ‹sakú›$_{L/LS}$ ‘osso dele’ ≈ Sakurabiat *ts-a:kó*;

(v) a consonantização do prefixo de terceira pessoa **i-* precedendo vogais, dando origem a Proto-Tupari Nuclear/Proto-Corumbiara **j-* > Sakurabiat *ts-* (mas Akuntsu *t*), como em PTpr **i+a(:)wo* > ‹sakú›$_{L/LS}$ ‘osso dele’ ≈ Sakurabiat *ts-a:kó*;

(vi) a africação dos reflexos de PTpr **t* > Proto-Corumbiara **ts* (> Sakurabiat *ts*, Akuntsu *tʃ*), como em Proto-Tupari Nuclear **o+anẽto* > ‹uaninžú›$_{L}$ ‘meu ombro’ ≈ Sakurabiat *o-anẽtsó*;

(vii) labialização esporádica de **w* na palavra para ‘cutia’: Proto-Tupari (e Proto-Tupari Nuclear) **wãkɨ̃ŋã* deveria dar origem a Proto-Corumbiara ***g^{w}ãkɨ̃ŋã*, mas a forma que se reconstrói com base nos reflexos em Sakurabiat e Akuntsu é **bãkɨ̃ŋã*; uma oclusiva labial é atestada em ‹bakeni̯ẽŋ›$_{LS}$.

Além disso, há três inovações características das línguas Corumbiara (isto é, do Sakurabiat e do Akuntsu) cuja aplicação à variedade registrada por Lévi-Strauss (s/d) não é possível rastrear em função do tamanho limitado do *corpus*. São elas: PTpr **c* > Proto-Corumbiara **t*; PTpr **β* > Proto-Corumbiara **b*; PTpr **w* (precedendo vogais não arredondadas) > **g^{w}* > Proto-Corumbiara **k^{w}*. Dessa forma, não há evidências fonológicas que contradigam a identificação do *Kabišiana* com o Sakurabiat.

Duas palavras nos materiais *Kabišiana* são particularmente esclarecedoras no que diz respeito à possibilidade de identificar essa variedade com um ou outro dialeto do Sakurabiat. Como já foi mencionado acima, o dialeto falado pelos grupos Sakurabiat e Guarategayat apresenta duas características fonológicas importantes que o diferenciam daqueles utilizados pelos Guaratira e Siokweriat. Uma delas consiste em um reflexo diferenciado das oclusivas vozeadas (**b*, **g*, **g^{w}*) do Proto-Corumbiara, que se nasalizam a *m*, *ŋ*, *ŋ^{w}* em ambientes nasais em Sakurabiat/Guarategayat, mas se ensurdecem para *p*, *k*, *k^{w}* em Guaratira/Siokweriat. No *corpus* disponível do *Kabišiana* há um item relevante, ‹bakeni̯ẽŋ›$_{LS}$ ‘cutia’ (compare Sakurabiat/Guarategayat *mãkɨ̃ŋã*, Guaratira/Siokweriat *pakɨ̃ŋã*, Proto-Corumbiara **bãkɨ̃ŋã*). Se o grafema ‹b› de Lévi-Strauss representa, de fato, uma oclusiva labial vozeada, estaríamos diante da possibilidade de que a variedade atestada por esse autor apresenta uma retenção de Proto-Corumbiara **b* (um som perdido nesse ambiente em todas as demais variedades Corumbiara contemporâneas, mas que foi independentemente reconstruído por meio do método histórico-comparativo; NIKULIN,

ANDRADE, 2020, p. 313). A segunda correspondência relevante é aquela que se dá entre Sakurabiat/Guarategayat *itsV* e Guaratira/Siokweriat *iV*, que pode continuar Proto-Tupari (Nuclear) **i(ʔ)V* ou **itV*. Neste caso, a variedade atestada por Lévi-Strauss se aproxima dos dialetos Guaratira e Siokweriat, como testemunha o item para 'pé' (mais corretamente, 'meu pé'), ‹upiwú›$_{LS}$, que representa uma forma próxima ou idêntica a Guaratira/Siokweriat *o-pió*, mas claramente distinta de Sakurabiat/Guarategayat *o-pitsó* (cf. GALUCIO, 2001, p. 19). É possível, portanto, que a(s) pessoa(s) cuja língua foi registrada por Lévi-Strauss sob o nome de *Kabišiana* pertenciam a um dos grupos Guaratira ou Siokweriat.

Acima demonstrei que os materiais *Kabišiana* devem ser interpretados como um registro da língua Sakurabiat. Isso por si só já exclui a possibilidade de classificar o *Kabišiana* como uma variedade da família Arikém. Entretanto, aproveito para comparar as três inovações mais marcantes da família Arikém — a mudança vocálica em cadeia, a fortição de **j* e a mudança **w* > **h* — com aquilo que se verifica nos materiais *Kabišiana*, a fim de justificar a exclusão definitiva da suposta língua *Kabišiana* da família Arikém.

A mudança vocálica em cadeia, como foi mencionado na seção **2**, afetou quatro vogais do pré-Proto-Arikém (**a*, **o*, **ɨ*, **e*), que passaram a Proto-Arikém **ɒ*, **ʉ*, **e*, **æ*, respectivamente. Na língua Karitiana, a mudança prosseguiu e converteu-as em *o*, *ɨ*, *e*, *a*. Os dados contidos nos materiais *Kabišiana*, como é de se esperar, não contêm nenhum vestígio dessa mudança vocálica, como revela a comparação dos vocábulos *Kabišiana* com seus prováveis cognatos nas línguas Arikém no Quadro 3. As reconstruções na primeira coluna dizem respeito à língua ancestral das famílias Tupari e Arikém (se essas duas famílias realmente integram um ramo dentro do tronco Tupi, é possível dar-lhe o rótulo de "Proto-Tuparikém"; caso contrário, as reconstruções em questão se referem ao Proto-Tupi) e foram provisoriamente elaboradas por mim com base nas reconstruções PTpr de Nikulin e Andrade (2020) e os dados das línguas Arikém reproduzidos nas últimas três colunas. As correspondências são, via de regra, triviais, exceto pelas inovações já discutidas nas seções **2.1–2** (**ƙ* > **k* em Proto-Tupari; **ƙ*, **w*, **j* > **ʔ*, **h*, **ts* e a mudança vocálica em cadeia em Proto-Arikém).

Revista Letras Escreve Macapá, AP v. 17 – n. 2 ISSN 2238-8060 - **DOSSIÊ TEMÁTICO - ARTIGO**

Tabela 3. Ausência de efeitos da mudança vocálica Arikém em *Kabišiana*.

protoforma	glosa	*Kabišiana*	Proto-Arikém	Karitiana	Arikém
a		*a*	***ɒ***	***o***	***ɒ***
ja**P*	cabelo, pelo, pena	‹-t**á**p›$_{L}$, ‹-t**ą**p›$_{L}$	**ts**ɒ**P*	*s**o**p*	‹-~~s~~**á**wa›/‹-~~s~~**á**bă›/‹-~~s~~**ą́**bẵ›$_{N}$, ‹ç**ó**uo›/‹-x**a**ú›$_{BF}$
jnã**C*	dente	‹-n′^{in}›$_{L}$, ‹-ni̱**a**ín›$_{LS}$	**jn**ɒ̃**C*	*jn**õ**jn*	‹ny**ą̃**yẵ›$_{N}$, ‹nh**ó**iôn›$_{BF}$
****amẽko***	onça	‹**a**mĩŋkuní›$_{LS}$	****ɒ**mæ̃k**ɯ***	***o**mãk**ɨ*** ~ ***o**mbak**ɨ***	‹**ą**maku-›$_{N}$, ‹**o**mecú-›$_{BF}$
pa**ːC*	buriti	‹p**a**í›$_{LS}$ ‘babaçu’	**p**ɒ**jɒ*	*p**o**jo*	‹p**ą**y-á›$_{N}$
o		*o* [o ~ u]	***ɯ***	***i***	***u***
wo**T-**ɬ**i**P*	pescoço	‹k**u**tkíp›$_{L/LS}$	**h**ɯ**T-ʔe**P*	*(h**ɨ**t-o)*[24]	‹**u**-déb**ą**›$_{N}$, ‹h**u**t′évo›$_{BF}$
po**/*mb**o***	mão	‹-p**ǫ́**›$_{L}$, ‹-p**o**pí›$_{LS}$	**p**ɯ***	*p**i***	‹-p**ų́**›$_{N}$, ‹p**ú**›$_{BF}$
amẽko***	onça	‹amĩŋk**u**ní›$_{LS}$	**ɒmæ̃k**ɯ***	*omãk**i*** ~ *ombak**i***	‹**ą**mak**u**-›$_{N}$, ‹omecú-›$_{BF}$
i		*ɨ* ‹i›	***e***	***e***	***e***
wo**T-**ɬ**i**P*	pescoço	‹kutk**í**p›$_{L/LS}$	**h**ɯ**T-ʔe**P*	–	‹u-déb**ą**›$_{N}$, ‹hut′**é**vo›$_{BF}$
(ʔ)i***	água	‹**í**k**i**›$_{L}$, ‹ik**í**›$_{LS}$ ‘água’ (< **(ʔ)**ɨ**+ŋg**ɨ***)	***e* ‘chuva’; ***e**-tse* ‘água’	***e***; ***e**-se*	‹**ë**›$_{N}$, ‹h**é**›$_{BF}$; ‹**e**xê›$_{BF}$
ŋgi***	líquido		**ŋg**e***	*ŋg**e*** ‘sangue’	–
e		*e*	***æ***	***a***	***æ***
nẽ***	braço	‹-n^{ea}›$_{L}$	**n**æ̃***	–	‹-n**á**›$_{N}$, ‹n**ã**›$_{BF}$
pe**T(-ʔa)*	arara	‹p**e**rá›$_{LS}$	**p**æ**T*	*p**a**t*	‹p**ā**ra›$_{N}$
amẽ**ko*	onça	‹am**ĩ**ŋkuní›$_{LS}$	**ɒmæ̃k**ɯ***	*om**ã**k**ɨ***	‹**ą**maku-›$_{N}$, ‹omecú-›$_{BF}$

Fonte: elaboração própria. Os dados da língua Karitiana provêm de Landin (2005) e Karitiana (2016). Os dados da língua Arikém provêm de Nimuendajú (1932, p. 109–116) e Rondon e Faria (1948, p. 193–200).

As inovações Arikém referentes às consoantes tampouco se manifestam nos dados *Kabišiana*. A fortição **j* > **ts*, característica do Proto-Arikém, pode ser observada na raiz para ‘cabelo, pelo, pena’: ***jap* > Proto-Arikém *****ts****ɒp* > Karitiana ***s****op*, Arikém ‹-**s**áwa›/‹-**s**ábă›/‹-**s**ą́bẵ›$_{N}$, ‹**ç**óuo›/‹-**x**aú›$_{BF}$.

[24] A palavra Karitiana para ‘pescoço’, *hɨt-o*, é apenas parcialmente cognata com as demais palavras listadas aqui, pois é derivada de uma combinação de um reflexo de Proto-Tupi **woT* ‘pescoço’ e sufixo nominal *-o*, ao passo que a língua Arikém e as línguas Tupari refletem uma combinação de Proto-Tupi **woT* com um formativo para objetos compridos (como uma árvore ou uma perna), **ɬɨP*.

O respectivo item do *Kabišiana* apresenta uma correspondência inteiramente diferente, *t* (em ‹-táp›$_{L}$, ‹-tąp›$_{L}$); como foi mostrado acima, esse reflexo de **j* é típico das línguas do ramo Corumbiara da família Tupari, em que ele emergiu por meio de Proto-Tupari Nuclear **ð*. A inovação que transformou **w* em Proto-Arikém **h* é instanciada pela palavra para 'pescoço', **wot-ƙɨp* > Proto-Arikém **hʉt-ʔep* (> Arikém ‹u-dḗbḁ›$_{N}$, ‹**h**ut'évo›$_{BF}$; cf. Karitiana *hɨt-o*); novamente, o *Kabišiana* apresenta um reflexo totalmente diferente, *k* (em ‹**k**utkíp›$_{L/LS}$), que neste ambiente é característico das línguas do ramo Corumbiara (por meio de Proto-Tupari Nuclear **ɰ*; NIKULIN, ANDRADE, 2020, p. 314). A palavra para 'pescoço' mostra, ainda, que o *Kabišiana* (como todas as línguas Tupari e o Kepkiriwat) reflete Proto-Tupi **ƙ* como *k*, diferindo nisto das línguas Arikém (e de todas as línguas Tupi com a exceção das famílias Tupari e Kepkiriwat), em que esse fonema passou a *ʔ*.

Dessa forma, a suposta afiliação Arikém do *Kabišiana* não pode ser sustentada por nenhum argumento fonológico, havendo, em contraste, múltiplas evidências que permitem identificar essa variedade com a língua Sakurabiat (Mekéns), da família Tupari.

Conclusão

Neste artigo, apresentei os dados linguísticos atribuídos por Claude Lévi-Strauss (s/d) à suposta língua *Kabišiana* a fim de demonstrar que não se trata de uma língua extinta pouco conhecida — contrariamente à informação contida em muitos trabalhos científicos e de referência, que a classificam como uma língua da família Arikém do tronco Tupi — e sim de um registro da língua Sakurabiat, da família Tupari, do mesmo tronco linguístico. Dessa forma, esta contribuição pretende corrigir um erro profundamente enraizado na literatura. Mostrei que o equívoco em questão provavelmente se deve a uma confusão causada pelo uso de um mesmo rótulo ("Arikém") para se referir a dois agrupamentos linguísticos de abragência diferente nos trabalhos de Rodrigues (1955, 1958a,b, 1964) sobre a classificação das línguas Tupi; entende-se que a autoridade desse pesquisador tem contribuído para que suas propostas classificatórias preliminares fossem aceitas por gerações de linguistas e antropólogos sem que as evidências que as subjazem fossem revisitadas e/ou questionadas.

A conclusão principal deste trabalho, baseada exclusivamente em uma análise linguística dos dados, converge perfeitamente com a informação disponível acerca do local de onde, segundo Lévi-Strauss, seriam oriundos os *Kabišiana*: a região contida entre os rios Mequéns e Corumbiara é um território em que os Sakurabiat estão presentes ainda hoje, mas que dista mais de 300 km do território historicamente ocupado por falantes das línguas Arikém.

O caso da suposta língua *Kabišiana*, discutida neste trabalho, não é de longe isolado. Praticamente na mesma região, reportava-se a existência de uma língua chamada *Maxubi* (*Mashubi*), supostamente aparentada ao Arikapu e ao Djeoromitxi, da família linguística Jabuti (tronco Macro-Jê). O *Maxubi* perdurou por várias décadas nas propostas classificatórias de referência na qualidade de uma terceira língua Jabuti, até que Voort (2012) demonstrou que os escassos dados do *Maxubi*

constituem, na verdade, um registro da língua Arikapu. De forma similar, diversas obras de referência relataram, por décadas, a existência de até quatro línguas Aruak distintas na região do Chaco/Pantanal: Terena, Guaná, Chané e Kinikinau. Apenas recentemente foi demonstrado, com base em evidências linguísticas, que todos esses rótulos dizem respeito a uma única língua (CARVALHO, 2016); portanto, o grau de diversidade linguística na região é, na realidade, inferior em relação àquilo que se pensava.

Os casos do Maxubi, Guaná, Chané e Kinikinau — ao lado do caso *Kabišiana*, discutido neste artigo, — exemplificam a profusão de equívocos que frequentemente ocorrem quando da reprodução acrítica de informações contidas em trabalhos de referência mais antigos, que datam de períodos em que muitas línguas sul-americanas se encontravam insuficientemente bem documentadas ou não contavam com documentação alguma. Por exemplo, a identificação do *Kabišiana* como uma variedade da família Arikém por Rodrigues (1955) é, em geral, justificável, uma vez que naquela época Rodrigues dispunha de dados escassos de apenas uma língua hoje classificada como pertencente à família Tupari (isto é, da língua Makurap); note, ainda, que em 1955 Rodrigues tinha acesso a apenas 12 palavras da lista *Kabišiana* de Lévi-Strauss (s/d), já que o trabalho de Loukotka (1963) ainda não fora publicado. Poderia se esperar que esse equívoco fosse corrigido com o avanço na documentação das línguas Tupari (o qual ocorreu na década de 1950), bem como com a publicação do trabalho de Loukotka (1963); de fato, Loukotka (1968) assume uma posição que se aproxima ao resultado deste estudo. É possível apenas especular por que a proposta classificatória de Loukotka (1968) caiu no esquecimento, mas tentativamente atribuo isso à grande autoridade que Aryon Rodrigues detinha na área de classificação de línguas indígenas brasileiras na segunda metade do século XX.

Concluo este artigo com um apelo a todas as pessoas que se fiam, em suas pesquisas, em referências que contêm propostas classificatórias de línguas sul-americanas que carecem de informações detalhadas quanto à procedência de cada afirmação ou ponto de vista adotado. Ao tratar-se de línguas vivas e documentadas na atualidade, é importante proceder com certa cautela, pois a afiliação da maioria esmagadora das línguas sul-americanas faladas na atualidade é conhecida com um razoável grau de certeza. Entretanto, o problema torna-se ainda mais agudo no que diz respeito às línguas extintas, dormentes ou simplesmente escassamente documentadas. Como mostrei nesse artigo, a própria existência de tais línguas pode vir a ser desconfirmada por meio da inspeção dos materiais linguísticos disponíveis acerca delas, e uma verificação cuidadosa das afirmações contidas em fontes de referência torna-se mister.

Referências

Alves, Poliana Maria. **O léxico do Tuparí**: proposta de um dicionário bilíngüe. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita", Araraquara. 2004.

Aragon, Carolina Coelho. **Fonologia e aspectos morfológicos e sintáticos da língua Akuntsú**.

Dissertação (Mestrado em Linguística) —Universidade de Brasília, Brasília. 2008.

Aragon, Carolina Coelho. **A grammar of Akuntsú, a Tupían language**. Tese (Doutorado em Linguística) — University of Hawai'i at Mānoa, Honolulu. 2014.

Becker-Donner, Etta. Notizen über einige Stämme an den rechten Zuflüssen des Rio Guaporé. **Archiv für Völkerkunde**, Viena, v. 10, p. 275–343, 1955.

Braga, Alzerinda. 2005. **Aspects morphosyntaxiques de la langue makurap/tupi**. Tese (Doutorado em Linguística) —Université de Toulouse–Le Mirail, Toulouse. 2005.

Carvalho, Fernando O. de. Terena, Chané, Guaná and Kinikinau are one and the same language: setting the record straight on Southern Arawak linguistic diversity. **LIAMES**, Campinas, v. 16, n. 1, p. 39–57, 2016. doi:10.20396/liames.v16i1.8646165.

Drude, Sebastian. Nasal harmony in Awetí: a declarative account. ReVEL – **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 3, 2009.

Everett, Daniel L. Case spreading and phrase structure in Karitiana. In: Hargus, Sharon; McMenamin, Gerald R.; Samiian, Vida (eds.). **Proceedings of the twenty-third Western Conference on Linguistics, volume 6**. WECOL 93, p. 106–21. Fresno: California State University, 1994.

Fabre, Alan. **Diccionario etnolingüístico y guía bibliográfica de los pueblos indígenas sudamericanos**. Tupi. 2005. <http://ling.fi/Entradas%20diccionario/Dic=Tupi.pdf>, acesso em 04/09/2020.

Gabas Júnior, Nilson. **A grammar of Karo, Tupí (Brazil)**. Tese (Doutorado em Linguística) — UCSB, Santa Barbara. 1999.

Gabas Júnior, Nilson. Genetic relationship within the Ramaráma family of the Tupí stock (Brazil). In: Voort, Hein van der; Kerke, Simon van de (eds.). **Indigenous Languages of Lowland South America**, p. 71–82. Leiden: Research School of Asian, African, and Amerindian Studies (CNWS), 2000. (Indigenous Languages of Latin America, 1).

Gabas Jr., Nilson. Classificação da língua Akuntsú. **Estudos Lingüísticos**, v. 36, p. 105–10, 2005.

Galucio, Ana Vilacy. Fonologia segmental da língua Mekens. In: **Anais do IX Encontro Nacional da ANPOLL (Caxambu, junho de 1994). Área de Lingüística**, v. 2, p. 988–97. João Pessoa: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística, 1994.

Galucio, Ana Vilacy. **The morphosyntax of Mekens (Tupi)**. Tese (Doutorado em Linguística) — University of Chicago, Chicago. 2001.

Galucio, Ana Vilacy; Meira, Sérgio; Birchall, Joshua; Moore, Denny; Gabas Júnior, Nilson; Drude, Sebastian; Storto, Luciana; Picanço, Gessiane; Rodrigues, Carmen Reis. Genealogical relations and lexical distances within the Tupian linguistic family. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, Belém, v. 10, n. 2, p. 229–74, maio/ago. 2015. doi:10.1590/1981-81222015000200004.

Galucio, Ana Vilacy; Nogueira, Antônia Fernanda de Souza. Comparative study of the Tupari branch of the Tupi family: contributions to understanding its historical development and internal classification. In: **Memorias del V Congreso de Idiomas Indígenas de Latinoamérica, 6–8 de octubre de 2011, Universidad de Texas en Austin**. Austin: Center for Indigenous Languages of Latin America (CILLA), 2012.

Galucio, Ana Vilacy; Antônia Fernanda de Souza Nogueira. From object nominalization to object focus: the innovative A-alignment in the Tuparian languages (Tupian family). **Journal of Historical Linguistics**, Amsterdã, v. 8, n. 1, p. 95–127, 2018. doi:10.1075/jhl.16025.gal.

Galucio, Ana Vilacy; Rodrigues Junior, Douglas; Brito, Saulo; Sakyrabiar, Manoel; Sakyrabiar, Olimpio; Guaratira, Rosalina; Guaratira, Severino; Soares, Matheus Augusto Ribeiro. 2024. **Dicionário multimídia Sakurabiat–português**. <dicionarios.museu-goeldi.br/index.php>, acesso em 15/04/2025.

Good, Jeff; Cysouw, Michael. Languoid, doculect, and glossonym: formalizing the notion 'language'. **Language Documentation & Conservation**, Honolulu, v. 7, p. 331–59, 2013.

Hammarström, Harald; Forkel, Robert; Haspelmath, Martin; Bank, Sebastian. **Glottolog 4.3**. Jena: Max Planck Institute for the Science of Human History, 2020. <http://glottolog.org>, acesso em 14/10/2020. doi:10.5281/zenodo.4061162.

Hanke, Wanda; Swadesh, Morris; Rodrigues, Arion Dall'Igna. Notas de fonologia Mekens. In: Comas, Juan (ed.). **Miscellanea Paul Rivet octogenario dicata**, vol. II, p. 187–217. Cidade do México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1958.

Karitiana, Nelson. **Cultura, memória e aspectos da variação linguística da língua do povo Byyjyty Osop Aky na aldeia Kyõwã da terra indígena Karitiana**. Monografia (Licenciatura em Educação Básica Intercultural) — Universidade Federal de Rondônia, Ji-Paraná. 2016.

Koch-Grünberg, Theodor. Wörterlisten « tupý », maué und puruborá. **Journal de la Société des américanistes**, Paris, v. 24, n. 1, p. 31–50, 1932. doi:10.3406/jsa.1932.1843.

Landin, David. **Dicionário e léxico Karitiana / português**. Cuiabá: Sociedade Internacional de Lingüística, 2005.

Lévi-Strauss, Claude. **Vocabulaires de trois langues** : Kabišiana, Kepkiri-uat et de São Pedro. Paris, manuscrito inédito, s/d.

Lévi-Strauss, Claude. Documents Rama-Rama. **Journal de la Société des Américanistes**, Paris, v. 39, p. 73–84, 1950. doi:10.3406/jsa.1950.2381.

Loukotka, Čestmír. Documents et vocabulaires inédits de langues et de dialectes sud-américains. **Journal de la Société des américanistes**, Paris, v. 52, p. 7–60, 1963. doi:10.3406/jsa.1963.2001.

Loukotka, Čestmír. **Classification of South American Indian languages**. Los Angeles: Latin American Center, University of California; Caracas: Sucre, 1968. (Reference Series, v. 7.)

Maldi, Denise. O complexo cultural do marico: sociedades indígenas dos rios Branco, Colorado e Mequens, afluentes do médio Guaporé. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Série Antropologia**, Belém, v. 7, n. 2, p. 209–69, dez. 1991.

Meira, Sérgio; Drude, Sebastian. A summary reconstruction of Proto-Maweti-Guarani segmental phonology. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 10, n. 2, p. 275–96, maio/ago. 2015. doi:10.1590/1981-81222015000200005.

Moore, Denny; Galucio, Ana Vilacy. Reconstruction of Proto-Tupari consonants and vowels. In: Langdon, Margaret; Leanne Hinton (eds.). **Proceedings of the Meeting of the Society for the Study of the Indigenous Languages of the Americas, July 2–4, 1993, and the Hokan-Penutian Workshop, July 3, 1993, both held at the 1993 Linguistic Institute at Ohio State University in Columbus, Ohio**, p. 119–37. Berkeley: Survey of California and other Indian Languages, 1994.

Nikulin, Andrey; Andrade, Rafael. **The rise and fall of approximants in the Tuparian languages**. Journal of Language Relationship, Moscou, v. 18, n. 4, p. 284–319, 2020. doi:10.31826/jlr-2020-183-412.

Nikulin, Andrey; Carvalho, Fernando O. de. Estudos diacrônicos de línguas indígenas brasileiras: um panorama. **Macabéa – revista eletrônica do Netlli**, Crato, v. 8, n. 2, 2019, p. 255–305.

Nikulin, Andrey; Carvalho, Fernando O. de. A revised reconstruction of the Proto-Tupian vowel system. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 17, n. 2, e20210035, 2022. doi:10.1590/2178-2547-BGOELDI-2021-0035.

Nimuendajú, Curt. Wortlisten aus Amazonien. **Journal de la Société des américanistes**, Paris, v. 24, n. 1, p. 93–119, 1932. doi:10.3406/jsa.1932.1846.

Nogueira, Antônia Fernanda de Souza; comunidade Wajuru; Sousa, Clenilson Miranda de. Apresentação da primeira versão do vocabulário Wayoro–português. In: Tondineli, Patrícia Goulart (ed.). **(Re)vitalizar línguas minorizadas e/ou ameaçadas**: teorias, metodologias, pesquisas e experiências, p. 83–108. Porto Velho: Coleção Pós-Graduação da UNIR–EDUFRO, 2021.

Nogueira, Antônia Fernanda Souza; Galucio, Ana Vilacy; Soares-Pinto, Nicole; Singerman, Adam Roth. Termos de parentesco nas línguas Tuparí (família Tupí). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 14, n. 1, p. 33–64, 2019. doi:10.1590/1981.81222019000100004.

Oliveira Castro, Andréa Carvalho Mendes de. **Koro'op**: E-moções. Sociabilidade, paisagem e temporalidade entre os Karitiana. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) — Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. 2018.

Picanço, Gessiane Lobato. **A fonologia diacrônica do Proto-Mundurukú (Tupí)**. Curitiba: Appris, 2019.

Reis, Maria Teresa Alves. **Cognação em Arikém**: completando as correspondências lexicais nas listas de Barbosa e Nimuendaju. Relatório (Iniciação Científica em Linguística) — Universidade de São Paulo, São Paulo. 2018.

Rocha, Ivan. **Não-finitude em Karitiana**: subordinação versus nominalização. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade de São Paulo, São Paulo. 2016. doi:10.11606/T.8.2016.tde-25102016-122036.

Rodrigues, Aryon Dall'Igna. As línguas "impuras" da família Tupí-Guaraní. In: Baldus, Herbert (org.). **Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas**. São Paulo, 23 a 28 de agôsto de 1954, vol. II, p. 1055–71. São Paulo: Anhembi, 1955.

Rodrigues, Aryon Dall'Igna. Die Klassifikation des Tupi-Sprachstammes. In: **Proceedings of the Thirty-Second International Congress of Americanists**, 1956, p. 679–84. Copenhague: Munksgaard, 1958a.

Rodrigues, Arion Dall'Igna. Classification of Tupi-Guarani. **International Journal of American Linguistics**, Chicago, v. 24, n. 3, p. 231–4, jul. 1958b. doi:10.2307/1263502.

Rodrigues, Aryon Dall'Igna. A classificação do tronco lingüístico Tupí. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 12, n. 1–2, p. 99–104, jun./dez. 1964. doi:10.2307/41615767.

Rodrigues, Aryon Dall'Igna; Cabral, Ana Suelly Arruda Câmara. Tupían. In: Campbell, Lyle; Grondona, Verónica (eds.). **The indigenous languages of South America: a comprehensive guide**, p. 495–574. Berlim/Boston: De Gruyter Mouton, 2012. (The World of Linguistics, 2.)

Rondon, Cândido M. S.; Faria, João Barbosa de. **Glossário Geral das tribos silvícolas de Mato-Grosso e outras da Amazônia e do Norte do Brasil**, tomo I. Rio de Janeiro: Imprenta Nacional, 1948. (Comissão Rondon, 76.)

Singerman, Adam Roth. Nasal harmony and phonotactic well-formedness in Tupari. **International Journal of American Linguistics**, Chicago, v. 82, n. 4, p. 453–85, out. 2016. doi:10.1086/688603.

Snethlage, Emil Heinrich. **Die Guaporé-Expedition** (1933–1935): in Forschungstagebuch (aus dem Nachlass herausgegeben von Rotger M. Snethlage, Alhard-Mauritz Snethlage und Gleice Mere). Viena/Colônia/Weimar: Böhlau Verlag, 2015. doi:10.7788/9783412218591.

Storto, Luciana. **Aspects of a Karitiana grammar**. Tese (Doutorado em Linguística) — Massachusetts Institute of Technology, Cambridge. 1999.

Storto, Luciana; Baldi, Philip. **The Proto-Arikém vowel shift** (trabalho apresentado no 68th Annual Meeting of the Linguistic Society of America). State College, manuscrito inédito, 1994.

Storto, Luciana; Rocha, Ivan. Estrutura argumental na língua Karitiana. In: Storto, Luciana; Franchetto, Bruna; Lima, Suzi (orgs.). **Sintaxe e semântica do verbo em línguas indígenas do Brasil**, p. 17–41. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

Valentini, Luísa. **Um laboratório de antropologia**: o encontro entre Mário de Andrade, Dina Dreyfus e Claude Lévi-Strauss (1935–1938). Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) — Universidade de São Paulo, São Paulo. 2010. doi:10.11606/D.8.2011.tde-06062011-132611.

Vignado, Juliana N. **A interface sintática e semântica na análise dos sistemas numerais do karitiana e do kamayurá**. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade de São Paulo, São Paulo. 2019. doi:10.11606/D.8.2019.tde-20082019-133022.

Voort, Hein van der. Whatever happened to Mashubi? Taking a new look at Fawcett's vocabulary. **Cadernos de Etnolingüística**, v. 4, n. 1, p. 1–20, maio 2012.